

A CIDADE ENTRE O GLOBAL E O LOCAL: Ação comunitária em prol da construção do lugar

THE CITY BETWEEN THE GLOBAL AND THE INDIVIDUAL: Community action in favor of building the place

A. Aline Lourenço Campanha & B. Eneida de Almeida

PGAUR/USJT; Universidade São Judas Tadeu, Brasil

lourenco.aline3@gmail.com

eneida.almeida@saojudas.br

RESUMO

Propõe-se aqui uma investigação sobre ações colaborativas e práticas culturais cultivadas no cotidiano compartilhado de parcelas da população de bairros periféricos, apoiadas em vínculos sociais e de pertencimento, tendo como referências teóricas a noção de “território” de Milton Santos (2006), que sinaliza a urgência de aprofundar conexões com as forças sociais do lugar, em interação à proposição de “construção do espaço” de Henri Lefebvre (2006), apoiada na distinção entre o espaço social e o espaço mental, ambas aproximadas à contribuição de Ulpiano T. Bezerra de Meneses (2017), que associa o valor cultural do ambiente urbano à qualidade dos processos de socialização. Por fim, volta-se ao contexto de luta pela cultura narrado por alguns articuladores do Movimento Cultural de Ermelino Matarazzo, em São Paulo, a fim de compreender as motivações, práticas e disputas advindas das reivindicações da Casa de Cultura Mateus Santos, em interação com a ocupação dos espaços públicos.

Palavras-chave: cidade, coletivos, identidade, cidadania.

Linha de Investigação: 3. Dinâmicas urbanas. **Tópico:** Urbanismo insurgente e coletivos urbanos

ABSTRACT

It is proposed here an investigation about collaborative actions and cultural practices cultivated in the shared daily life of portions of the population of peripheral neighborhoods, supported by social and belonging bonds, having as theoretical references the concept of territory by Milton Santos (2006), in interaction Henri Lefebvre's (2006) “space construction” proposition, supported by the distinction between social space and mental space, both approaching the contribution Ulpiano T. Bezerra de Meneses (2017), who associates the cultural value of the urban environment to the quality of the processes socialization, resulting from the interaction between people, spaces and representation practices. Finally, we return to the context of struggle for culture narrated by some articulators of the Cultural Movement of Ermelino Matarazzo, in São Paulo, in order to understand the motivations, practices and disputes arising from the demands of the Casa de Cultura Mateus Santos, in interaction with the occupation of public spaces.

Keywords: city, collectives, identity, citizenship.

Thematic clusters: 3. Urban dynamics. **Topic:** Insurgent urbanism and urban collectives

Introdução

Os princípios de autonomia, horizontalidade e autogestão, associados a estratégias de comunicação e organização em redes digitais, têm sido invocados por um amplo leque de mobilizações e movimentos sociais desencadeados em várias partes do mundo, desafiando lógicas de segregação econômica e social, num momento em que a urbanização das sociedades se afirma como um fenômeno irreversível.

Esses fenômenos de dimensões política, social e tecnológica, adaptados aos contextos locais, tiveram larga repercussão nas principais capitais brasileiras, estimulando ações de diferentes motivações e amplitude, organizadas por meio de redes de colaboração, de compartilhamento de informações e decisões. Essas manifestações corresponderam não apenas a protestos, mas também à organização de atividades comunitárias e propostas de intervenção no espaço urbano. Entre as pautas prioritárias dessas mobilizações está o combate à subtração de direitos sociais e de espaços de representação política.

Dentro dessa ótica, a vivência cotidiana e a produção colaborativa podem desvendar novas relações de pertencimento do indivíduo com o espaço urbano, contribuindo, por um lado, para a constituição das múltiplas identidades moldadas pelo fortalecimento dos vínculos coletivos, contrariando, por outro lado, a tendência à invisibilidade e à exclusão, na medida em que se exercita a construção do lugar em concomitância com a afirmação do ser e existir na cidade.

Este trabalho concentra-se na investigação do Movimento Cultural de Ermelino Matarazzo, como evidência de uma dinâmica de ação de diferentes grupos sociais, comprometidos com mobilizações coletivas e intervenções no espaço público, exercendo formas de ocupação que reverberam na construção concreta do lugar, como é o caso da Ocupação Mateus Santos, situada na Zona Leste da cidade de São Paulo¹.

O estudo dessas experiências apoiou-se em alguns pontos de contato da reflexão teórica de três autores: o conceito de “território” de Milton Santos (2006), nas conexões que estabelece entre o global e o local, entre o espaço virtual e o tecido vivo das cidades; a noção de “produção do espaço” de Henri Lefebvre (2006), decorrente da prática espacial, produzida lenta e progressivamente, por intermédio da compreensão e domínio do espaço, e da sua apropriação; a proposição de “repovoamento do patrimônio ambiental”, concebida por Ulpiano T. Bezerra de Meneses (2017), vinculada ao campo do patrimônio cultural, segundo a qual o autor associa o valor cultural do ambiente urbano ao seu potencial de qualificar a vida humana, por meio da interação entre objetos e pessoas, entre espaços e práticas. Os três autores problematizam as relações dos cidadãos com o Estado, com suas instituições representativas e seus instrumentos normativos, como será abordado a seguir.

1. Territórios da coletividade

É indiscutível que as relações com o mundo se transformam a partir dos adventos tecnológicos de comunicação. Esses novos recursos fazem emergir formas de comunicação entre os indivíduos, em que o espaço digital ocupa presença decisiva nas interações humanas, ao mesmo tempo em que se torna lugar de

¹ Realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), por intermédio de concessão parcial de auxílio científico, o estudo vincula-se ao Projeto de Pesquisa “Memória, Identidade e Cidadania”, enquanto desdobramento da pesquisa desenvolvida no mestrado, junto ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu (PGAUR/USJT).

troca e construção de fluxos de informação, seja na esfera econômica ou das vivências cotidianas, é também espaço de produção de subjetividade.

Milton Santos, em *A Natureza do Espaço* (2006), sinaliza a ruptura das relações pessoais corpóreas como um dos aspectos mais significativos do fenômeno de globalização, em que a materialidade é passageira e opcional, dada as relações em rede que modificam substancialmente as interações entre as pessoas. Em meio ao esvaziamento da permanência e à mecanização de uma atmosfera produtiva, a rotina na cidade transforma-se, com a mescla de atividades produtivas aos fluxos de vida social.

Segundo Santos (2006), o espaço material, o lugar, com suas particularidades e movimentação própria, para além das dinâmicas das redes, é interpretado como um potencial intervalo entre a instabilidade das interações globais e o sujeito, ao ampliar a sua esfera de atuação e repertório de construção da identidade. Portanto, as relações em rede não são suficientes para definir o espírito do lugar, as identidades e comunidades que o constituem, pois esses possuem especificidades. Desse modo, sublinha o autor, convém superar as imposições e leituras de mundo globalizado, informatizado, para que, enfim, seja possível conectar-se com as forças sociais do lugar.

O autor acrescenta que a comunicação estabelecida num nível local, não informatizado ou oficializado, comparece como ferramenta essencial de construção do imaginário do usuário da cidade, através da experiência de troca, reconhecimento e interação com a identidade de grupos, com base nas convergências entre os indivíduos no processo de (re)descoberta sobre novas visões de mundo, em circulação entre os movimentos sociais e coletividades.

Essa comunhão, denominada de vizinhança pelo autor, possibilita reconhecer a ebulição de grupos e sua articulação pela melhoria e transformação do espaço coletivo. Nessas condições, o espaço urbano torna-se resultado também da ação regulada dos sujeitos, em diálogo (ou em disputa) com o poder público, uma ação não apenas vinculada a fatores econômicos, mas a processos de produção do lugar promovidos por atores sociais, delineando identidades moldadas pelos vínculos com o território e por suas reivindicações. Portanto, o *território*, para Santos (2006), é constituído a partir das dinâmicas de trocas, que se baseiam no alimento afetivo da construção da ambiência, corroborado pela concepção da paisagem cultural dos lugares que, por sua vez, são caracterizados pelos processos sociais e pelas movimentações coletivas.

A vivência da produção e das práticas comuns constitui a base para a elaboração do território das comunidades, das “quebradas”, na condição coletiva de solidariedade, a partir da presença humana e das redes de sociabilidade tecidas no corpo a corpo com os lugares da experiência cotidiana. Do mesmo modo, a existência material do espaço é condição e limite para a ação dos cidadãos, numa soma de condicionantes econômicas, modelo de produção e reprodução do trabalho, somadas às dinâmicas culturais locais constituídas no dia a dia, que conformam seu espaço geográfico em lugar cultural, por meio das diversas manifestações nele promovidas.

Da proposição de Milton Santos, segundo a qual o “território” é sinônimo de “espaço geográfico”, enquanto mediação entre o mundo global e os grupos locais – constituídos por lugares contíguos e lugares em rede, por meio de horizontalidades e verticalidades –, passa-se à compreensão de Henri Lefebvre (2006), que articula a prática espacial não só à configuração de lugares políticos e sociais, mas também ao ajuste da relação entre o local e o global, configurando, de um lado, espaços privilegiados e, de outro, espaços cotidianamente banalizados, sejam eles autorizados ou interditos a determinados grupos.

As reflexões dos dois autores apresentam muitas afinidades. Lefebvre, ao tecer sua teoria crítica do espaço, chama a atenção para a distinção entre o espaço mental e o espaço social. Enquanto o espaço mental confunde-se com o Estado e a razão de Estado burocrática, o saber “puro”, o discurso do poder, implicando uma “lógica” que o dissimula, mascarando suas contradições, o espaço social é aquele onde cada sujeito se situa e se reconhece, do qual usufrui ou modifica, revelando suas disputas e transgressões. Assim, a prática espacial é produzida lenta e seguramente, por intermédio da compreensão e domínio do espaço, e da sua apropriação (Lefebvre, 2017: 241).

Desse ponto de vista, o autor reprova a extrema especialização das disciplinas ligadas ao planejamento urbano, que se baseiam em simplificações e análises de fragmentos do presente, vislumbrando um ideal desvinculado das dinâmicas constitutivas do espaço, corroborando, com isso, a preservação da estrutura de poder. Nessa conjuntura, assinala a relação dialética entre os espaços percebidos, concebidos e vividos, interligada à distinção entre as representações do espaço e o espaço das representações. As primeiras correspondem ao espaço concebido pelos cientistas, pelos urbanistas que, ao identificar o vivido e o percebido com o concebido intelectualmente, configuram o espaço dominante. Já o espaço da representação coincide com o espaço vivido, o espaço dos habitantes, dos artistas ou dos filósofos, que os descrevem através de imagens e símbolos. Trata-se do espaço dominado, que a imaginação tenta modificar e apropriar.

Ao contrapor o espaço mental e o espaço social, Lefebvre permite que se compreenda a ação dos coletivos, como uma prática de resistência às lógicas institucionais, hegemônicas:

O espaço da homogeneização não tem, portanto, nada de homogêneo. À sua maneira, poliscópico e plural, ele contém e unifica de maneira constrangedora fragmentos ou elementos dispersos. (...) Nesta textura (este tecido) intervêm, como uma ideologia em ato, que justifica e motiva, o espaço elaborado pelos artistas da vanguarda, estes que têm conta da derrocada dos referenciais. Estes artistas apresentam o objeto no espaço da prática social dominante (Lefebvre, 2006: 241).

Meneses (2017), numa perspectiva análoga aos dois autores precedentes, ao estabelecer correspondência entre a atribuição de valor cultural associada ao patrimônio ambiental urbano e o potencial de qualificar a vida humana, pela interação entre espaços e práticas, confirma a o vínculo entre o cidadão e a cidade. Paradoxalmente, ressalta que a ação do Estado tende a favorecer a dimensão da cidade como artefato, favorecendo interesses hegemônicos, relegando a plano secundário a interação entre sujeito e objeto, evidenciada nos processos de socialização.

Nesse contexto, o autor assinala a urgência de “repovoar o patrimônio ambiental urbano”, isto é, favorecer a interação e engajamento dos diferentes atores sociais tanto nos processos de planejamento, quanto na construção de uma ambiência cultural própria, em prol de uma prática de reintrodução do cidadão no contínuo processo de construção e apropriação da cidade. A conservação do patrimônio, segundo essa ótica, estaria vinculada à construção conjunta entre o saber técnico e a real aproximação com os territórios, suas ações e mobilizações coletivas.

Com base nas proposições dos três autores aqui mencionados, pretende-se realizar uma abordagem sobre o contexto e embates do cidadão periférico, que é também espaço de disputa, de atuação e cidadania, com base nos registros de ativistas e moradores. Alinhados ao desejo de mudar e construir novas realidades, essas movimentações representam o vínculo entre a luta dos cidadãos da periferia e seus desejos, renovados e reinventados através de gerações no território de Ermelino Matarazzo.

2. Primeiras mobilizações pela cultura

A escassez de recursos públicos em espaços periféricos da cidade, de certo modo, intensifica a necessidade de união e mobilização, diante das adversidades a que está sujeito o território, favorecendo o exercício de dinâmicas colaborativas entre os cidadãos. É justamente nesse contexto que se afirma um padrão de ocupação, na Zona Leste de São Paulo, como nas demais periferias, marcado pela autoconstrução. Esse fenômeno ganha impulso a partir das décadas de 1960 e 1970, nas proximidades de polos produtivos industriais, convivendo com a implantação de conjuntos habitacionais populares para moradia da classe trabalhadora.

Tal característica de ocupação foi determinante para as décadas seguintes, na conformação do território de Ermelino Matarazzo que, durante os anos 1980, já se encontrava em processo acelerado de expansão, conforme relata o articulador cultural Cardo Cardoso em “Coletivo Rede Cultura Z.L” (2013) sobre a construção do bairro:

Na década de 80, as formas de vida e escala de valores dos moradores do bairro mudaram completamente, se compararmos com os anos vividos desde a sua elevação a distrito (no final da década de 50), de maneira que esse período, a curva de crescimento subiu como um foguete. Teve início a fase de progresso material incontrolado, sem coordenação ou planejamento. Muitas das vilas nasceram ao acaso, sem plano de conjunto, frutos de especulação de terrenos, edificações modestas e sem nenhum conforto que se improvisavam nas vilas mais distantes do bairro (Cardoso; Alcade, 2013: 36)

Embora escape ao objetivo deste trabalho apresentar um panorama crítico acerca das políticas públicas de moradia, vale evidenciar que os programas de produção de habitação, em áreas periféricas, não contemplavam a completa provisão de infraestruturas e equipamentos em seu entorno. Constituiu-se, assim, uma ocupação desordenada, de caráter predominantemente residencial, precário e deficitário, nos limites da área urbanizada da cidade, geralmente em zonas alagadiças de proteção ambiental e ao redor das linhas férreas, junto às indústrias e aos assentamentos informais, tornando-se posteriormente de uso misto, à medida que estabelecimentos comerciais e institucionais viriam a ser implantados.

Tal postura é mantida, em certa medida, nas políticas públicas mais recentes, no que se refere à provisão de equipamentos culturais. São assinalados, contudo, alguns avanços como a implantação do Teatro Flávio Império, em 1992, a inauguração da Biblioteca Rubens Borba Alves de Moraes (1990), durante a gestão Luiza Erundina, embora o distrito seja ainda pouco atendido em suas demandas por espaços que possibilitem a ação e produção cultural local.

As ações coletivas por espaços de cultura no distrito de Ermelino Matarazzo começaram a ser desenvolvidas desde 1972, com a inauguração do Lar Vicentino, que abrigou os primeiros grupos de artistas da região, como Mateus Santos, conforme narra Valentim Morcelli, fundador da instituição: “O Lar Vicentino foi inaugurado, e nós também fizemos um salão e tivemos um grande desenvolvimento da arte” (Morcelli, 2016).

Num segundo momento, as ações ocorrem na ocupação da “Casa do Passeadouro”, posteriormente demolida sob a alegação de risco de desabamento, pouco depois de ter sido legalizada. Durante a gestão Luiza Erundina, em que Marilena Chauí exerceu a liderança da Secretaria de Cultura (1989 - 1992), investiu-se na criação de um projeto de cultura democrático, pautado pelo direito à informação, à memória e à participação popular, e pelo incentivo à criação cultural de forma indistinta (Chauí, 1995). Nesse momento,

realizou-se um acordo entre os moradores e a prefeitura para a construção da casa no terreno vago, conforme Cardo Cardoso informa, no documentário “Movimento Cultural Ermelino Matarazzo” (2016). No entanto, a descontinuidade dos projetos da gestão municipal inviabilizou o diálogo entre as partes.

O Movimento de Ermelino Matarazzo e a Ocupação Mateus Santos, situados na Zona Leste da cidade, podem ser reconhecidos como herdeiros dessas ações iniciais. Tendo em vista essa condição, pretende-se retomar o relato de alguns dos protagonistas do movimento, enquanto representantes do corpo social, em prol da construção do território, como indica Santos, ou da produção do espaço, conforme Lefebvre. São ações de resistência alimentadas por trocas culturais e afetivas, que procuram transformar o espaço, qualificando o ambiente junto com a vida que o anima, como quer Meneses. Na expectativa de evidenciar esse desejo (ou conquista) de transformação, aborda-se a seguir uma dessas mobilizações².

3. Movimento pela cultura de Ermelino Matarazzo

Pretendendo concretizar a atividade da Casa de Cultura, interrompida em diversos momentos, durante décadas, o Coletivo Rede Cultura Z.L. propôs uma iniciativa de autogestão horizontal em busca de: I) alternativas para produção cultural local, a fim de viabilizar a atuação dos grupos de forma independente, II) articulação das negociações para viabilizar a Casa Cultural e promover a reabertura do Teatro Flávio Império, junto aos entes de gestão cultural pública do bairro.

Resultado dessa organização, em 2010, ocorreu o 1º Manifesto em prol da Casa de Cultura, com a ocupação da Praça Benedito Ramos, que reuniu mais de 15 atividades culturais organizadas e mais de 1000 pessoas presentes, numa ação de integração entre a população local e os agentes culturais. No ano seguinte, novas ações foram organizadas, como o 2º Ato, interrompido pela ação da Guarda Civil Metropolitana (GCM), sob a alegação da falta de autorização para a realização do evento na praça pública:

Esta ação do governo não nos desanimou, pelo contrário, outros coletivos abraçaram a nossa causa e juntos planejamos atividades, para outra data, e realizamos debaixo de muito sol e de pouca chuva, nosso 2º manifesto em prol a Casa de Cultura (Guedes; Alcalde, 2013: 80).

Nos anos seguintes, entre 2012 e 2014, um novo momento se iniciava, com alguns coletivos atuando por intermédio de incentivos da Secretaria de Cultura, durante a gestão da prefeitura Fernando Haddad (2012-2016), pelo Programa VAI - Programa de Valorização a Iniciativas Culturais.

Contemplado por programas de fomento à cultura e à arte de circo, o Grupo Balaio³ realizou, em 2014, uma ação de ocupação durante uma semana na Praça Benedito Ramos e a iniciativa foi adotada pelo Coletivo Rede Cultura Z.L. Nesse mesmo ano, a ocupação da praça foi efetivada pelo grupo e as atividades no prédio se iniciaram no mesmo período:

A gente apresentou espetáculo lá, e aí o que aconteceu foi que choveu muito na época do mês que a gente ia fazer a temporada lá, e a gente não estava conseguindo apresentar, porque não dá: Teatro de rua, circo de rua a gente tem que cancelar por conta dos equipamentos, né, tudo. (...) E a gente permaneceu lá e

² A transcrição das entrevistas no corpo do trabalho manteve a linguagem coloquial e as expressões utilizadas, tendo em vista a colher a espontaneidade e a integridade dos discursos.

³ Grupo derivado do Coletivo Rede Livre Leste, de ação organizada e colaborativa, iniciada em 2009, na comunicação de coletivos de artes cênicas de São Paulo e região metropolitana.

vimos nisso uma oportunidade (...) a gente está aqui ocupando, ocupação já é, vocês [Coletivo Rede Cultura Z.L.] não querem vir pra cá somar? (...) e a galera foi se animando, (...) e foi um início de uma ocupação real (...) (Hoehne, Depoimento concedido em outubro de 2018).

As primeiras ações para a adaptação do prédio da antiga subprefeitura de Ermelino Matarazzo ocorreram nesse período, com a ocupação visual da fachada pelo Coletivo “MQG - Muros que Gritam”, e o chamamento público para a organização dos próximos passos e atividades no lugar.

(...) então a gente sentiu que tinha força o suficiente, o movimento naquela época, e com a vinda da ocupação as pessoas foram se agregando, porque quando você tem um espaço físico, um espaço fechado, uma referência, as pessoas também passam a enxergar o que a gente dizia e era meio abstrato, tornou-se mais concreto a existência de um movimento a partir do espaço físico (Hoehne, Depoimento concedido em outubro de 2018).

Em conexão com a operação de ocupação do prédio, as atividades ocorreram no intervalo de dois meses até sua interdição, sob a justificativa de desabamento da edificação. Assim, o Coletivo Rede Cultura Z.L. deu início efetivamente à Ocupação Cultural de Ermelino Matarazzo, na transferência das atividades novamente para a praça:

No mesmo ano [2014], conseguimos uma “deliberação e aval” para usar o prédio da antiga prefeitura regional do bairro, quando fomos convidados a sair do prédio, pois o mesmo foi atestado que era um prédio com risco de desabamento. A praça acabou fortalecendo ainda mais o que é hoje o Movimento Cultural Ermelino Matarazzo - que é um braço extenso do que era o Coletivo Rede Cultura Z.L. (Guedes, Depoimento concedido em setembro de 2018).

As atividades no prédio foram retomadas apenas em 2016, no mutirão de limpeza e adaptação da edificação ao novo uso, com uma ação conjunta entre os grupos e a comunidade para improvisação da estrutura, doações de materiais e mobiliários, concebendo o espaço numa perspectiva colaborativa.

Tendo em vista a trajetória dessa ação coletiva, é importante assinalar que a Ocupação Cultural Ermelino Matarazzo resistiu às incessantes investidas do poder público para sua interdição. Durante todo o percurso de ocupação do espaço pelo grupo, observa-se que a ação do Estado, ainda que tenha promovido os editais públicos de fomento à cultura, não estabelece de fato uma relação amistosa com os articuladores culturais, conforme o relato:

Então é mais um acordo, do que algo que a gente tenha segurança de forma legal, regulamentado. Mas a gente tinha consciência disso quando fomos pra lá e a gente foi nessa postura, de que a ocupação forçasse uma visibilidade maior (...). A postura política de você estar de corpo dentro de um espaço e dizendo que isso era nosso, é um pouco, olhar para seu corpo como um corpo político e corpo coletivo, porque sua própria presença que materializa o movimento (...) (Hoehne, Depoimento concedido em outubro de 2018).

A ação de ocupação correspondia, portanto, a uma tarefa reivindicatória de visibilidade, posse e atuação, assim como a concepção de um espaço de fala, de encontro e de construção da identidade coletiva dos ativistas, enquanto cidadãos do cotidiano compartilhado de Ermelino Matarazzo. Havia uma interação com os

demais grupos atuantes na região, o que sinaliza a estratégia colaborativa e integradora dos diversos produtores e suas linguagens de expressão e a comunidade, constituindo uma autêntica rede de resistência que transforma a inércia da rotina do cidadão produtivo e o próprio espaço construído da cidade. (Fig. 01, 02).



Fig. 01, 02: Registros internos da ocupação. Quarto para residência artística [Set.2018]. Acervo da autora 1.

O espaço de cultura, nessa perspectiva de resistência, sofre em 2017, com mais uma ação autoritária durante a troca de gestão municipal Haddad-Doria, diante da inviabilidade do diálogo entre os articuladores dos coletivos e a Secretaria de Cultura, sob a responsabilidade de André Sturm, para a continuidade da concessão de verbas e de apoio às atividades.

A participação da comunidade e a disposição dos ativistas organizados na linha de frente de atuação tornaram-se, dessa forma, ferramentas essenciais para a existência livre e desburocratizada do lugar, ao mesmo passo que: I) sustentaram e fortaleceram o movimento em momentos de fragilidade e ameaças, concretizando a participação coletiva, por meio da produção de eventos; II) responsabilizaram-se pelas despesas mensais básicas do espaço, por intermédio de doações espontâneas, da venda de produtos concebidos pelo movimento, além da colaboração financeira dos agentes principais (Fig. 3).

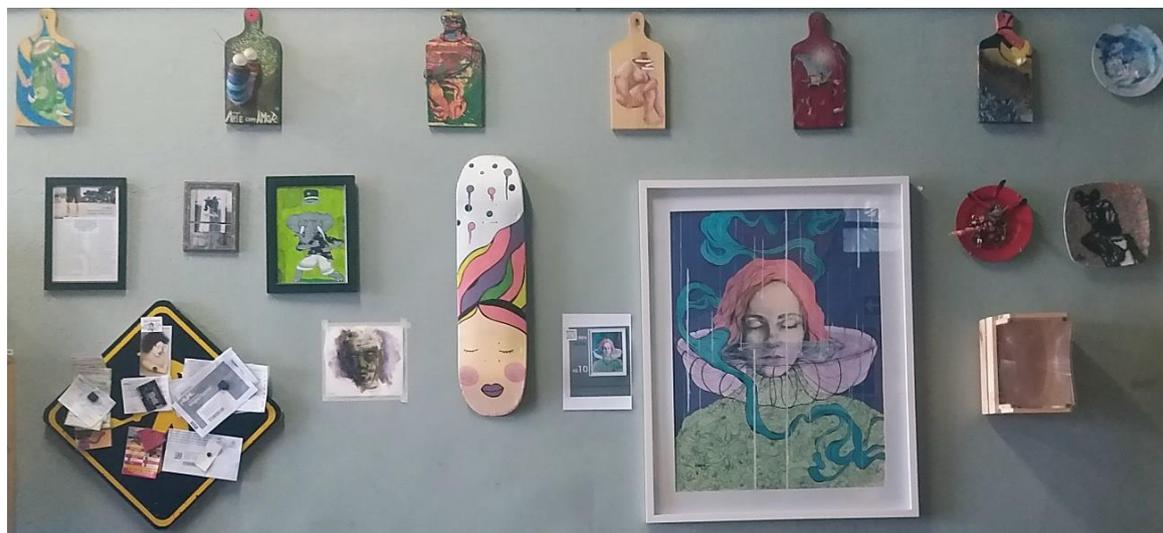


Fig. 3: Produção coletiva dos artistas [Set. 2018]. Fonte: Acervo da autora 1.

E o espaço a gente vê que tem força por isso, então não necessariamente o cotidiano dele as pessoas que estão ali presentes, até por que é difícil falar, dentro de um movimento que é em rede (...) tem um núcleo forte ali que sustenta o funcionamento do espaço, (...) mas ele irradia pra outros pilares de articulação (...) as pessoas que fizeram a linha de frente num primeiro momento (...) passando um pouco o bastão, nesses momentos todo mundo se une de volta entorno do espaço (Hoehne, Depoimento concedido em outubro de 2018).



Fig. 4: Registro da Ocupação Cultural Ermelino Matarazzo após mutirão de renovação da pintura da fachada. [Set. 2018]. Fonte: Acervo da autora 1.

Atualmente, a ocupação cultural persiste em suas atividades, agora contempladas pelos Editais de Fomento - Edição 2018-2019, com a realização de saraus de poesia, eventos musicais, oficinas e peças teatrais na constante busca de autoafirmação da existência cultural e indenitária da comunidade, de produtores culturais e artistas de Ermelino Matarazzo (Fig. 04).

4. Perspectivas futuras

O Movimento de Ermelino Matarazzo comparece como ação coletiva dos diferentes grupos sociais com vistas à transformação do lugar e reivindicação por voz, em paralelo às políticas públicas em vigor, reivindicando o direito à cultura, por intermédio das mobilizações locais, intervenções de diversas linguagens artísticas no espaço público, caracterizando formas de ocupação da cidade, que se revelam autênticas conexões com as forças sociais do lugar, extraindo novos significados da experiência do território, nos termos referidos por Milton Santos.

Tal observação é confirmada durante as conversas informais e vivências no espaço, possibilitadas na fase final da pesquisa. A Casa de Cultura é descrita e observada como espaço de encontro de diversas faixas etárias e grupos sociais, comprovando a diversidade de programação e as possibilidades de ocupação do espaço, aberto a todos os tipos de usuários, sem distinção. A ocupação foi descrita como uma coabitação exercida por meio de uma conexão profunda e prolongada entre as pessoas e o ambiente, constituída a partir de um núcleo comunitário e diverso, aberto às idas e vindas dos participantes.

As práticas do movimento representam um espaço de constituição da própria imagem dos cidadãos, artistas e produtores culturais, manifestadas seja na presença corporal dos indivíduos no espaço, seja como legado construído na prática coletiva. As práticas não só dão forma ao espaço, mas lhe atribuem sentido, alimentando-se elas próprias de sentido, como sugere Meneses. Comparecem, ainda, nos relatos, como espaço de “empoderamento” do jovem periférico, uma vez que estimula sua autonomia, estima e autoconfiança.

Assim, a construção do espaço da ocupação na praça ou no prédio revela o caráter de improvisado, da prática do cidadão periférico de realizar o muito com o pouco apoio que lhe é destinado, é ação de resistência. Ao passo que o movimento se materializa na constituição do lugar, mediante a reunião de fragmentos de forma colaborativa, as vozes se ampliam e se amplificam, enquanto identidades que se afirmam em busca de visibilidade. Ao observar as práticas espaciais, é possível apreender as ferramentas de interpretação (e apropriação) do espaço, passando da representação do espaço, ao espaço da representação, com quer Lefebvre.

Acompanhar o Movimento Cultural Ermelino Matarazzo permitiu reconhecer que, para além das dinâmicas de produção do espaço estabelecidas oficialmente nos órgãos de governança, há uma movimentação relevante na constituição do lugar e esta deve ser considerada nas discussões sobre um modelo de planejamento e gestão do espaço urbano mais democrático.

É importante ponderar que não foi propósito desta exposição falar por uma história vivida pelo movimento, mas evidenciar a possibilidade de diálogo com as diversas experiências que existem nos territórios da cidade, na expectativa de extrapolar as leituras distanciadas sobre o espaço, isto é, conectar-se ao ambiente concreto da experiência local.

Para idealizar as cidades do futuro, ou mesmo programar ações no tempo presente, faz-se necessário uma compreensão alargada sobre a produção do território, observando no presente as construções advindas de processos anteriormente delineados nas trajetórias sociais. Observar essas dinâmicas requer estabelecer uma relação de escuta para com o território, sob a ótica do usuário, produtor do cotidiano, assimilando a produção do espaço resultante desses fluxos sociais.

A fim de que se alcance uma condição mais palpável de cidade democrática fundamentada na construção de um espaço comum de sociabilidade, é urgente não só superar as barreiras da exclusão socioespacial, mas também liberar-se da noção de sacralidade do conhecimento técnico e aprofundar-se nas dinâmicas existentes na cidade, conforme sugerem os autores aqui mencionados, experimentando uma aproximação ao indivíduo, tal qual cidadão, ou seja, incorporando a participação dos sujeitos e grupos sociais na formulação das políticas públicas, e considerar o lugar, numa perspectiva de acolhimento da ação coletiva e mobilizada.

5. Bibliografia

ALCALDE, E. (org.). (2013) Cultura ZL. São Paulo: Edicon.

CAMPANHA, A. L. (2018). Território da fronteira entre história e memória. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu (PGAUR/USJT).

CHAUÍ, M. (1995) Cultura política e política cultural. São Paulo: Revista de Estudos Avançados (9) 23, p. 78-83.

GUEDES, V. C. in ALCALDE, E. (Org.) (2013). Rede Cultura Z.L. In Rede de coletivos de Ermelino Matarazzo Cultura Z.L. São Paulo. Edicon.

LEFEBVRE, H. Trad. Doralice B. Pereira e Sérgio Martins (2006). A produção do espaço. (do original: La Production de l'espace. Paris: Anthropos, 2000).

MENESES, U.T.B; SCHLEE, A.R. (org.). (2017). Repovoar o Patrimônio Ambiental Urbano. São Paulo: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nº 36, p. 39-51.

MOVIMENTO, Ermelino Matarazzo (2016). Hey estamos aqui!!!; São Paulo, 1º CD-ROM.

MORCELLI, V; Movimento Ermelino Matarazzo (2016). Hey estamos aqui!!!; São Paulo, 1º CD-ROM.

CARDOSO, R. Movimento Ermelino Matarazzo (2016). Hey estamos aqui!!!; São Paulo, 1º CD-ROM.

SANTOS, M. (2006). A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec.